

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

**Recordações de uma vida feliz: Brasil e Chile
nos relatos de viagem de Marianne
North(1872/3 e 1884/5)**

Ivania Pocinho Motta

O desejo de prolongar a vida - através da lembrança – e por meio do registro escrito, atende a uma espécie de compulsão ou necessidade social, encontrada nas sociedades modernas das culturas ocidentais. Esses registros e documentos - traços dos pensamentos e atos do passado - aparecem em todas as atividades humanas, mas apenas em uma delas, a História, ocupam o papel central. (SALIBA, 2009: 311-312).

Sendo o relato de viagem uma das mais antigas formas de literatura, necessariamente encerra inquietações e reflexões a respeito das diferenças encontradas nas sociedades humanas. Ao longo do tempo, esses relatos adquiriram diversas formas, constituindo um artefato intermediário entre os escritos oficiais (memória descritiva com objetivos políticos e econômicos) e os de cunho pessoal (diários e correspondências)¹.

Nos textos de viajantes estrangeiros é possível encontrar as impressões de alguém que, não pertencendo ao grupo social visitado, poderia perceber certos aspectos da vida cotidiana e social, que passariam como corriqueiros para o habitante do local observado. Do mesmo modo, por ser uma pessoa alheia ao meio visitado, por ser um indivíduo “de passagem”, sem grande preocupação em ser admitido pelo grupo, e com o intuito de registrar o que viu a seus conterrâneos, elabora a sua narrativa segundo os códigos de seu local de origem. Desse modo, seu relato pode ser analisado sob o ponto de vista daquele que é de fora e, portanto, vê o que os envolvidos na situação não percebem, levando em conta, contudo, que seu ponto de partida é a sociedade de onde veio, com seus códigos, instituições e padrões culturais.

O teor educativo e pragmático dos relatos de viagem foi se consolidando ao longo do tempo. Apesar da irregularidade, quanto à qualidade das obras, assumiram uma função educativa, tanto em relação ao seu país de origem, quanto em relação ao local visitado. Assim, foram responsáveis por certos estereótipos, que surgiram na historiografia do século XIX e se disseminaram no imaginário popular. Na segunda metade do século XIX, essa função educativa foi sendo dividida com a difusão de jornais e revistas e as especializações científicas.(LEITE, 1997: 22).

¹ Segundo Moreira Leite, a utilização dos relatos de viagem como documentos da história da mulher provém desse caráter intermediário entre o pessoal e o oficial. *Livros de Viagem 1803-1900*.p.27

A quantidade expressiva de obras escritas sobre esse tema - a viagem -motivada pelo crescente interesse dos leitores da época, justifica a utilização das suas narrativas como fontes históricas e objeto de estudo. Desse modo, tais relatos podem ser vistos como documentos de uma cultura e não apenas fontes de informação individual do passado. (SALIBA, 2009: 319) O que transforma a cena em paisagem é o observador. É, portanto, o viajante-escritor estrangeiro que vai dar sentido ao conjunto de elementos que vê, descreve, desenha e pinta.(MARTINS, 2001:16).

Foi durante as primeiras décadas do século XIX, que os viajantes estrangeiros (de origem não ibérica) começaram a escrever sobre a América do Sul. (MARTINS, 2001:12). Essa época corresponde ao desenvolvimento das relações econômicas britânicas com o mundo ultramarino subdesenvolvido, embora o predomínio absoluto do Império Britânico, em questão de avanço industrial e comércio internacional, já começasse a ser sombreado pela presença da França, dos Estados Unidos e da Confederação Germânica. Essa rivalidade internacional refletia-se no número de oficiais da marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes que aportaram no Novo Continente. Ao lado desses viajantes, que representavam a expansão do capitalismo industrialista, havia aqueles que buscavam um refúgio dessa situação na natureza tropical. (LEITE, 1997:21).

A pesquisa realizada por Moreira Leite, sobre relatos de viagem ao Rio de Janeiro, constatou que poucos deles foram escritos por mulheres. No período compreendido entre 1800e 1850, dos 80 livros selecionados por ela apenas 5 eram de mulheres. De 1850 a 1900, dos 92 livros examinados, 17 eram de autoria feminina. (LEITE, 1997: 16-17).

O aumento de obras escritas por mulheres viajantes, na segunda metade do século XIX, pode ser justificado pelo incremento das linhas regulares de navegação a vapor, em substituição aos barcos a vela. Mais rápidas e mais baratas, vieram propiciar maior segurança em relação aos naufrágios e assaltos de pirataria, bem como tornaram as viagens mais acessíveis ao lazer das classes média e alta, incentivando, assim, o aumento do número de passageiros, inclusive o de mulheres. A mulher viajante rompia com um dos padrões mais difundidos no século XIX: homens e mulheres tinham condições de vida diferentes. Desse modo, a viagem constituía uma espécie de ampliação do espaço social atribuído à mulher. Mesmo aquelas que viajavam acompanhadas dos maridos, de alguma forma, estavam

transgredindo normas estabelecidas, ao escrever e revelar-se publicamente através de seus relatos. (LEITE, 1997: 17 e 100).

No século XIX, as mulheres escritoras procuraram submeter-se ou desenvolver padrões masculinos já estabelecidos, já que os homens tinham o domínio das letras. Consideravam-se e eram consideradas com menor capacidade intelectual, limitadas pelas restrições de educação, pelas questões que podiam abordar em seus textos e pelas restrições quanto à publicação de seus escritos. No entanto, seus relatos apresentam uma característica peculiar: a espontaneidade, resultante do registro de suas impressões, de uma maneira mais coloquial. Outro aspecto em comum, entre as viajantes estrangeiras, é o passado e a formação cultural metropolitanos, que transparecem em suas anotações, apesar das diferenças de classe (aristocratas, burguesas ou pequeno-burguesas), de estado civil e de procedência efetiva. (LEITE, 1997:101-102). Distingue-as, o estado civil. As casadas eram em maior número; algumas escreveram seus relatos em parceria com os maridos, mas também há registros de mulheres solteiras entre as viajantes.

O último quartel do século XIX é considerado de grande importância na consolidação dos escritos femininos. É o tempo das viagens ao redor do mundo, do interesse pelo diferente e pelas terras intocadas. É a época vitoriana, que não só imprime rigidez de costumes, mas paradoxalmente abre novas perspectivas para que a mulher possa sair do restrito âmbito do privado. As décadas de 1870/1880 são analisadas como de grande relevância, nas viagens femininas para lugares vistos como remotos e exóticos, a América do Sul, dentre eles²

Esses dois aspectos – o incremento no número de mulheres viajantes e o predomínio britânico – levaram-me a escolher uma mulher inglesa que viajou para a América do Sul, na segunda metade do século XIX, como objeto de estudo, no intuito de perceber as imagens e representações elaboradas por ela. Para isso escolhi analisar o discurso dos seguintes livros de viagem, de autoria da inglesa Marianne North:

² Ver, dentre outros, *El camino de las damas. Escritoras viajeras. Dela Mística a la Pasion*. Seleção, tradução, notas e prólogo de Christian Kupchik, Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, S.A.I.C., 1999.

- a) *Recollectionsof a Happy Life, BeingtheAutobiographyof Marianne North*. Em dois volumes. Editado pela irmã de Marianne North, Mrs. John AddingtonSymonds. Em Londres: MacmillanandCo., 1892.
- b) *Some FurtherRecollectionsof a Happy Life, SelectedfromtheJournalsof Marianne North ChieflyBetweentheYears 1859 and 1869*. Editado pela irmã de Marianne North, Mrs. John AddingtonSymonds. Londres: MacmillanandCo., 1893.

Marianne North nasceu em Hastings, Sussex, Inglaterra, em outubro de 1830. Era a filha mais velha de Janet North e de Frederick North (membro do Parlamento inglês por muitos anos). Teve uma educação de natureza peripatética, ou seja, aprendeu passeando. A família passou invernos em Hastings, primaveras em Londres e os verões em Norfolk, onde seu pai tinha uma fazenda, ou em Lancashire na casa da irmã de Marianne. Também fizeram várias viagens ao exterior. Uma delas, quando Marianne era adolescente, chegou a durar dois anos. Esta educação nômade deu-lhe um gosto por viagens, assim como a predileção de seu pai pela jardinagem em geral e orquídeas em particular veio a moldar toda a sua vida.

A princípio, edicou-se à música, mas problemas com a voz e o nervosismo nas aprsentações fizeram com que se voltasse para a pintura. Teve aulas com professores eminentes, aperfeiçoando os conhecimentos relativos à botânica. Esse apreço pelas plantas, iniciado nas estufas de sua casa, foi acentuado com as muitas viagens que empreendeu para Kew, onde seu pai mantinha relação de amizade com Sir William Hooker, diretor do Royal Botanic Gardens. Foi ele a apresentar algumas plantas tropicais a Marianne, fazendo suscitando nela o interesse pelo exótico.

Após a morte da mãe, por volta de 1850, Marianne continuou a viajar em companhia do pai por toda a Europa e também para a Turquia, Síria e Egito. Ela pintava sobre o que via nessas viagens, mas a grande descoberta, em sua carreira artística, foi quando fez as suas primeiras telas a óleo. Com 37 anos, Marianne encontrou grande incentivo nessa nova técnica, desejando praticar essa modalidade de pintura em lugaresdesconhecidos.

Aos 40 anos, North estava sozinha: seu pai falecera em 1869 e ela pode empreender novas viagens, para lugares mais distantes. Partiu para os Estados Unidos e o Canadá, em companhia de um amigo e foi, depois, sozinha para a Jamaica. Lá, ela se extasiou com o que viu, alugou uma casa nos jardins botânicos de Kingston, contratou dois servos e passou meses pintando. Esse tipo de viagem seria o modelo para o resto de sua vida.

Marianne North realizou duas voltas ao mundo, empreendendo nove viagens de monta, durante os dezesseis anos. Desse modo, conheceu EUA, Canadá e Jamaica (1871-72), Brasil (1872-73), Tenerife (1875), EUA, Japão, Singapura, Sarawak, Java e Sri-Lanka (1875-77), Sri-Lanka e Índia (1877-79), Sarawak, Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Havaí e EUA (1880-81), África do Sul (1882-83), Seicheles (1883-84) e Chile (1884-85). (DICKENSON, 2000: 148)

Nesses anos de viagem extensiva, Marianne pintou e escreveu sobre o que seus olhos puderam reter. Acumulou centenas de pinturas e já não possuía espaço para guardá-los em seu apartamento de Londres. Foi quando propôs ao novo diretor do Royal Botanic Gardens, em Kew, Sir Joseph Hooker, construir - às suas expensas - uma pequena galeria nos jardins de Kew para abrigar seus quadros, que seriam doados àquela instituição. A galeria foi inaugurada em junho de 1882, inicialmente com cerca de 27 quadros, que hoje já chegam a quase 900.³

Suas pinturas representam algo de inusitado no universo artístico da época. O que é explicável por tratar-se de uma mulher pintando a flora de uma maneira não convencional, ou seja, a partir de paisagens desconhecidas do público europeu, e não levando em conta as coordenadas das naturezas-mortas de estúdio. Isto dentro de um contexto de arte dominado pelo elemento masculino. (DICKENSON, 2000:149).

Sua saúde foi se deteriorando, mas isso não a impediu de continuar com suas viagens, recolhendo e pintando as flores que encontrava. O Chile representou sua última aventura.

³ Essa galeria exibe até hoje mais de oitocentas obras de North. Trata-se de uma coleção rara e ímpar, pois apresenta um acervo de pinturas baseadas na fauna de várias regiões, produzidas por uma única artista.

Faleceu na Inglaterra, após escrever suas memórias, em 30 de agosto de 1890⁴. As experiências de Marianne North foram, portanto, registradas em relatos sobre sua vida e suas viagens. A compilação de seus diários e correspondências foram editadas por sua irmã, três anos após sua morte.

Ao longo do tempo, a obra pictórica de North tem despertado maior interesse, dentre os estudiosos, do que a narrativa de seus relatos de viagem. O que, parece, começa a ser revisto com novas edições ou resumos de sua autobiografia.⁵ Julgo ser de grande importância o estudo desse relato, no sentido de que se trata de uma viajante, que se enquadra tanto na categoria de naturalista quanto na de escritora e que figura das várias antologias que tratam de mulheres viajantes escritoras.⁶

North chegou ao Brasil em setembro de 1872, com o objetivo de ampliar sua coleção de plantas tropicais, iniciada na sua viagem à Jamaica. Após escalas em Recife e Salvador, desembarcou no Rio de Janeiro, onde se instalou por cerca de dois meses. Dedicou-se à pintura da paisagem local, tendo por modelo, sobretudo, o Jardim Botânico e a Ilha de Paquetá. Mais tarde, foi para a mina de ouro inglesa de Morro Velho, em Minas Gerais, onde permaneceu por mais oito meses. Visitou, ainda, um vilarejo inglês abandonado de Gongo Soco, as cavernas de Curvelo e a Serra dos Órgãos, antes de retornar à Inglaterra em setembro de 1873. O resultado dessa experiência apareceu em mais de 100 quadros, que representam cerca de um oitavo da coleção de sua galeria, em Kew⁷.

Em sua última viagem, ela embarcou para o Chile, com o “objetivo principal” de pintar a “velha *Araucaria Imbricata*”, chamada de “engana-macaco” na Inglaterra. Lá visitou Valparaíso, Santiago e Las Salinas.

⁴ Ana Lúcia Almeida Gazzola, em *Marianne North lembranças de uma vida feliz*, chama a atenção para a notoriedade que North atingira, por ocasião de sua morte. Foram publicados obituários no *Atheneum* (6 Setembro 1890), no *Critic* (27 Setembro 1890) e no *Scientific American* (8 outubro 1890). p.29

⁵A respeito ver *A Vision of Eden: The Life and Work of Marianne North*. Exeter, Webb and Bower, 1980; PONSONBY, L. *Marianne North at Kew Gardens*. Londres, 1990; MORGAN, S. Introdução. In: NORTH, M. *Reflections of a Happy Life*. Charlottesville, Webb and Bower, 1993; PONSONBY, L. *Abundant Beauty*, Vancouver, 2010.

⁶ BIRKETT, D. *Spinsters Abroad: Victorian Lady Explorers*. Oxford, Blackwell, 1989; FOSTER, S. *Across New Worlds. Nineteenth Century Women Travelers and Their Writings*. Nova Iorque, 1990; MIDDLETON, D. *Victorian Lady Travellers*. Londres, Kegan Paul, 1965; ROBINSON, J. *Unsuitable for Ladies*. Oxford, Oxford University Press, 1995; RUSSEL, M. *The Blessings of a Good Thick Skirt*. Londres, Collins, 1986; TINLING, M. *Women Into the Unknown: a Source Book on Women Explorers and Travellers*. Nova Iorque, Greenwood, 1989.

⁷ Sobre coleções de pinturas, reunidas em Kew, Inglaterra., é possível acessar o site www.kew.org.

Pintora, botânica e escritora, North escreveu sobre suas experiências de viagem, através de diários. Editados por sua irmã, foram publicados postumamente, por MacmillanandCo., de Londres, sob o nome de “*Recollectionsof a happylife, BeingtheAutobiographyof Marianne North.*” (publicado em 1892) e “*Some furtherrecollectionsof a happylife. Selectedfromthejournalsof Marianne North chieflybetweentheyears 1859 and 1869.*” (publicado em 1893), aproveitando trechos que já haviam sido revistos pela autora, bem como suas anotações de viagem.

A obra contém 16 capítulos, divididos de acordo com os locais visitados, reunidos em dois volumes. A introdução e a conclusão foram escritas pela irmã de North, Catherine. O primeiro volume de sua autobiografia detalha, nos seus capítulos IV e V (cerca de 46 páginas) a experiência vivida no Brasil; o capítulo XVI narra sua viagem ao Chile (1884).

Seu texto, escrito de forma fluente, sob a forma de diário, é bastante informal e guarda um tom coloquial. O texto original não foi publicado contendo reproduções dos quadros.⁸ Seu relato apresenta as pessoas, os lugares e a paisagem que encontrou. Já sua pintura, traduz um testemunho vivo da natureza brasileira.

No contexto brasileiro, North pertence ao grupo restrito de viajantes escritoras, acrescido ao papel de pintora de nossa flora e fauna. O fato é que a viagem de Marianne North pelo Brasil e sua descrição do tempo que aqui passou, colocam-na lado a lado com outros viajantes masculinos da época,⁹ não apenas pela importância de sua narrativa, mas, sobretudo pela questão de gênero que pode suscitar

Minha pesquisa tem como objetivo central a análise do discurso, das imagens e das representações da América do Sul, encontrados nos relatos de viagem escritos por Marianne North. É meu propósito analisar a maneira como foram descritos os locais visitados, abrangendo sua fauna/flora, bem como o elemento humano, e observar de que modo esses relatos contribuíram para a criação de imagens sobre a América do Sul, na Europa e na própria América.

⁸ No livro de Gazzola, *op. cit.*, há várias ilustrações dos quadros de North, a fim de ilustrar o texto.

⁹ BURTON, R. F. *ExplorationsoftheHighlandsofBrazil*, Londres, Tinsley, 1869; FOX-BUNBURY, C. F. *Viagem de um Naturalista Inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1833-1835). Belo Horizonte, Livraria Itatiaia, 1981; MAWE, J. *Travels in the Interior ofBrazil, Particularly in the Gold and Diamond DistrictsofThat Country*. Londres, Longman, 1812; WELLS, J. W. *ExploringandTravellingThreeThousand Miles ThroughBrazilfrom Rio de Janeiro to Maranhão*. Londres, SampsonLow, 1886, 2 vols, dentre outros.

Pretendo estudar os relatos de viagem como um campo de elaboração de representações e identidades. Identidades essas as mais variadas. Viso acompanhar como essa autora se colocava frente à coroa inglesa e frente às sociedades visitadas. Além disso, julgo ser possível encontrar outras “identidades” nos textos analisados, no sentido de perceber se essa viajante escritora se colocava como mulher, ou seja, se reivindicava uma “identidade feminina”.

É meu intento investigar como a autora se posiciona face as representações dominantes, já que, historicamente, as mulheres parecem ter assimilado e incorporado valores culturais oriundos do próprio discurso da diferença. Nesse sentido, vou tentar identificar, em seus discursos, a maneira como essa escritora se situa a respeito da questão da diferença entre os sexos, dominante no século XIX.

A análise desses textos, escritos por uma mulher, visa enfatizar as estratégias utilizadas na elaboração das possíveis subjetividades, na tentativa de desvendar, também, os assuntos relacionados ao universo feminino. Assim, pretendo avaliar as particularidades presentes em suas jornadas, levando em conta as conexões entre elas, a respeito de suas visões de mundo- o já vivenciado e o novo – bem como os desafios e dificuldades próprios de uma mulher, no período estudado, sobretudo aquela que se permite sair de seu lugar de origem e avançar por novos caminhos.

Meu estudo pretende nortear-se pela questão da história de gênero, visando analisar o material encontrado nos relatos da viajante proposta, redimensionando-o, através das informações e representações obtidas. As obras pesquisadas devem permitir vê-las como um gênero literário: são narrativas de um novo mundo, visto transitoriamente, apreendidas pela percepção e guardadas pela memória, escritas sob as condições de vida da autora e tendo por objetivo atender às expectativas do público leitor de seus país de origem.¹⁰

¹⁰ Segundo HOBBSAWN, a aceleração na velocidade das comunicações, com a descoberta do telégrafo, a partir década de 1850, tornou nítida a diferença existente entre os lugares acessíveis à essa nova tecnologia e aqueles onde os animais e homem, ou o barco, determinavam a velocidade das comunicações. Isso explicava a grande paixão do público pelo “explorador e o homem que passou a ser chamado de “viajante” *tout court*, isto é, a pessoa que viajava até ou além das fronteiras da tecnologia.”¹⁰ Os editores de livros perceberam que se iniciava uma “idade de ouro feita para uma nova raça de viajantes de poltrona”, dispostos a seguirem os reais viajantes por locais desconhecidos, através de seus relatos.¹⁰ Os mais lidos eram, justamente, aqueles que retratavam as incertezas e inseguranças desses lugares, tais como o interior da África e os rincões da América do Sul.¹⁰ *A Era do Capital*, p. 95-96.

Também considero relevante efetuar o levantamento das redes de relacionamento, nas quais a autora se inseriu, no continente sul-americano, tendo em vista que ela própria pode ser vista como legítima representante do imperialismo britânico. Dessa forma, é meu intuito detectar as diversas instituições políticas, sociais, religiosas e culturais, com as quais teve contato e acompanhar as prováveis trocas, intercâmbios e transformações que engendraram tais encontros.

A partir das considerações mencionadas, proponho algumas hipóteses preliminares:

- 1) A viajante reelaborou, não só sua trajetória, mas também os seus conceitos de vida (pessoal e coletiva), através das representações encontradas em seus escritos;
- 2) Seus relatos vão além de mera escrita feminina: ao mesmo tempo que seus discursos denunciam visões próprias às mulheres (a representação do feminino), eles inserem-na no espaço público (destinado historicamente aos homens), demonstrando, assim, a consciência do papel da mulher na sociedade;
- 3) Os relatos analisados desvendam uma busca de identidade da autora, em contraposição à alteridade encontrada. Essa alteridade refere-se, não só a questões culturais, sobretudo à questão de gênero. Desse embate surge um texto híbrido, onde local de origem/local visitado, visitador/visitado saem mesclados e amalgamados. Fica o feminino também “misturado” ao masculino, nas suas representações? Eis a questão.
- 4) Os relatos elaborados por essa escritora-viajante podem ser vistos como fazendo parte do “político”, já que falar do político é referir-se à ideia de identidade, de diferença, de cidadania, de civilidade, em suma, tudo aquilo que constitui a *polis*;
- 5) Os relatos de viagem podem ser vistos como literatura, que é engendrada em meio à sociedade, e que são passíveis de estudo como objeto histórico.

Devemos levar em conta, também, que tais relatos foram originados por memórias individuais, formadas pela coexistência de várias outras memórias (pessoais, familiares, regionais, nacionais, de sexo). Memórias que podem ser divididas em olhar interior ou olhar exterior; memórias privadas ou públicas, sendo difícil não admitir que elas interagem e se formam simultaneamente. (CATROGA, 2009: 12). Fica a pergunta: como se lida com a interioridade do indivíduo e algo que parece vir e estar no seu exterior? As memórias parecem, realmente, se interligarem e constituírem uma nova memória híbrida, onde interior e

exterior se amalgamam. Nesse sentido, é interessante pensar que os relatos das viajantes se revestem dessa dualidade: tanto são memórias próprias, quanto fazem parte de uma memória coletiva.

Pode-se pensar em dois tipos de memória: asocial e a coletiva: os dois conceitos, na tradição durkeimiana, se assentam na distinção entre “sociedade e sociedades: enquanto a primeira se supõe ser uma criação social espontânea, a segunda refere-se ao modo concreto e histórico como os vários grupos constroem e transmitem o passado comum.” (CATROGA, 2009: 15). É preciso, no entanto, que se reconheça a existência de alguma autonomia dos indivíduos na formação da memória.

Tratando de relatos femininos, Sara Mills comenta que essas narrativas eram consideradas como um “gênero menor”, equiparadas aos diários e revistas, dotados de mesma estrutura, por isso as mulheres puderam se arriscar a escrever sem pensarem em críticas severas. Referindo-se à imagem de “anjo do lar” das mulheres vitorianas, essa autora demonstra que são essas mesmas mulheres as que dão vida a esse novo e surpreendente personagem histórico: a mulher viajante que relata suas experiências. Fica a questão: seriam as imagens das mulheres vitorianas, com suas vidas restritas, mais discursivas do que verdadeiras? (MILLS, 1991: 42 E 27)

Assim, os relatos de viagem, tomados como fontes, podem ser vistos como documentos de uma cultura e não apenas fontes de informação individual do passado. (SALIBA, 2009: 319) Demonstrando que a cultura não pode ser vista como um elemento à parte da sociedade e da política, os argumentos de Edward Said muito podem contribuir para a análise dos relatos de viagem aqui enfocados. Esse autor, que trabalha com textos literários, procura demonstrar que tais obras e seus autores não estão desconectados da realidade em que estão inseridos. Há um envolvimento, da parte de quem escreve, como sujeito humano nas suas próprias circunstâncias. Quer dizer, há uma interação, primeiro como europeu (no caso), depois como indivíduo. A seu ver, os escritores do século XIX eram extraordinariamente conscientes das noções de raça e imperialismo e isso está representado em seus textos. (SAID, 2010: 39 e 43).

Portanto, as produções literárias, e aí, incluímos a literatura de viagem, delimitando o espaço doméstico e os demais lugares e reproduzindo um determinado tipo de discurso, sob o ponto de vista do imperialismo, contribuem para a construção estereotipada do que seriam os “nós” e os “eles”. Esse mesmo imperialismo vai deixar transparecer que todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma consegue ser pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas sem qualquer monolitismo. (SAID, 2011: 25). Ou seja, literatura, história e sociedade fazem parte de um mesmo todo.

B I B L I O G R A F I A CATROGA, Fernando. *Recordação e esquecimento*. In: *Os passos do homem como restolho do tempo*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

HOBBSAWN. Eric J. *A era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Miriam LifchitzMoreira. *Livros de Viagem 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahard., 2001.

MILLS, Sara. *Discourses of Difference Na Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1991.

NORTH, Marianne. *Lembranças de uma vida feliz*. (org.) Ana Lúcia Almeida Gazzola (trad.) Ana Lúcia Almeida Gazzolae Júlio Jeha. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2001.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. *Aventuras modernas e desventuras pós-modernas*. In: Carla Pinsky e Tânia de Luca (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.